

ATIVIDADES DE LEITURA PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS – APAE/FLORIANÓPOLIS

Gláucia Maindra da Silva

Acadêmica do Curso de Biblioteconomia da UFSC

Araci Isaltina de Andrade Hillesheim

Professora do Departamento de Ciência da Informação da UFSC

Gleisy Regina Bories Fachin

Professora do Departamento de Ciência da Informação da UFSC (Coordenadora)

gleisy@cin.ufsc.br

Resumo

Este artigo discorre sobre a prática de leitura para portadores de necessidades especiais. Relatam-se atividades realizadas no Instituto de Educação Especial “Professor Manoel Boaventura Feijó”, APAE/Florianópolis ressaltando-se a necessidade de participação das bibliotecas (escolares e especiais) e bibliotecários no envolvimento com os educandos, professores e demais membros da comunidade.

Palavras-chave: leitura; necessidades especiais; incentivo à leitura; biblioteca escolar.

Introdução

O bibliotecário capaz de humanizar ações e dinamizar atividades através da leitura reflete nas bibliotecas escolares perspectivas sobre os parâmetros educacionais vigentes. Para que sejam planejadas estas atividades, é imprescindível caracterizar os usuários e a unidade de informação. Assim, é essencial a participação destes profissionais no dia-a-dia das escolas, inseridos em seus campos de ações, demonstrando e incorporando as políticas e estratégias inerentes a cada comunidade escolar.

A atividade de leitura para pessoas com necessidades especiais requer dedicação, entusiasmo e constante atualização, conforme a experiência vivida no Instituto de Educação Especial “Professor Manoel Boaventura Feijó”, mantido pela APAE/Florianópolis e, pelo despertar deste conhecimento, através da disciplina Fundamentos/Língua/Sinais Brasileira - EED 5301, do curso de Pedagogia, da UFSC, ministrada pelo professor Rodrigo Rosso Marques (surdo), durante o semestre de 2003/1.

Com este relato, soma-se a troca de experiências e a continuidade das atividades de leitura desenvolvidas desde fevereiro de 2002 por estudantes do curso de Biblioteconomia, da UFSC, através do projeto de extensão “Atividade de leitura para portadores de necessidades especiais – APAE”. Ao atuar neste tipo de biblioteca, destaca-se que o período e o convívio parecem ser insuficientes para explorar, adequadamente, o ambiente, as salas, os recursos disponibilizados e, em especial, manter o contato com os educandos, os quais requerem um aprendizado especial, inicialmente, por parte dos profissionais da biblioteconomia, para conquistá-los e, assim, ensiná-los.

Neste aspecto, é primordial ressaltar a importância da leitura como um bem social, pois a diversidade da educação especial faz com que os profissionais atuantes desta área, como o contador de histórias, viva em constante estudo para trabalhar os variados recursos pertinentes à exploração do lúdico.

Neste momento, a interação do bibliotecário com os outros funcionários da instituição é a base para a construção de um planejamento pedagógico que envolva esta comunidade na melhoria dos serviços prestados.

O presente projeto tem como objetivos: a) desenvolver atividades de leitura para estimulação dos portadores de necessidades especiais; b) realizar a hora do conto nas turmas de alunos com necessidades especiais, envolvendo atividades pedagógicas junto aos professores; c) demonstrar aos professores e demais profissionais os serviços de uma biblioteca escolar para portadores de necessidades especiais; d) proporcionar aos participantes do projeto (alunos, professores e bibliotecários da escola, juntamente com os alunos e professores do Curso de Biblioteconomia, da UFSC) a oportunidade de desenvolver experiências referentes à leitura para pessoas portadoras de necessidades especiais através de atividades pedagógicas, integrando teoria e prática; e) demonstrar o papel da biblioteca e, por conseguinte do profissional bibliotecário junto às instituições de educação especial; f) diversificar os meios de leitura, utilizando jogos, sucatas e dramatização, visando a conscientização dos profissionais que atuam junto as pessoas portadoras de necessidades especiais do seu papel no desenvolvimento e estimulação da linguagem expressiva e compreensiva dos portadores de necessidades especiais.

A seguir, apresenta-se a metodologia utilizada, o desenvolvimento e os resultados alcançados e as referências utilizadas.

Material e Métodos

O primeiro contato com o Instituto foi através de visitas às salas de aula e aos profissionais técnicos que prestam atendimento aos educandos no período matutino. Iniciou-se a leitura de documentos da Instituição (normas internas, número de funcionários, entre outros).

Após uma semana explorando o ambiente, e atuando na biblioteca, já atendendo aos usuários, foi possível manter um contato direto com alguns professores determinando assim, quais turmas seriam atendidas. Esta decisão foi apoiada através da experiência descrita em cadernos de campo de alunos de extensão, de períodos anteriores, onde estavam relatadas características dos usuários que já participavam deste projeto.

A metodologia da escola está baseada na proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e a na Proposta da APAE Educadora da Federação Nacional das APAEs, com um processo de aprendizagem mais significativo.

As atividades foram voltadas mais especificamente para as seguintes turmas: Fundamental II; Oficina I; Apoio pedagógico; Atividades Laborativas Ocupacionais – ALO e a Oficina de Artesanato II. Os recursos mais utilizados foram livros, músicas e fantoches.

Embora já relatado, constatou-se nessa experiência a difícil tarefa de conquistar um espaço dentro de uma instituição, seja ela qual for. Algumas tentativas em agendar encontros com os professores, através dos pedagogos, foram angustiantes, pois houve pouca abertura para participar do planejamento mensal das aulas. Os agendamentos para as atividades eram recebidos na biblioteca, já com horário definido, cabendo aos profissionais se adequarem e conquistarem o usuário.

As atividades eram realizadas segundas, terças, quintas e sextas das 08:40 às 11:30 horas, atendendo duas turmas diariamente. Destaca-se neste ponto, a importância de estar desenvolvendo e obtendo recursos para atuar nos dois períodos (matutino e vespertino), pois a demanda é grande e, quando conquistado o espaço, a procura torna-se maior.

Os relatos anteriores e o contato diário com as pessoas da instituição

auxiliaram na escolha da temática utilizada nas atividades de leitura. Destaca-se, a seguir, algumas das histórias contadas durante este ano, com as respectivas atividades, que geraram maior envolvimento com os alunos:

- a. As histórias da bruxa Onilda - desenvolvimento da história;
- b. Chapeuzinho amarelo (Chico Buarque) - dramatização da história;
- c. 101 Dálmatas - desenho sobre a história;
- d. A lenda do arco-íris - desenho e pintura;
- e. Ou isto ou aquilo (Cecília Meireles) - dramatizando as poesias;
- f. A queda da fadinha no lixão (Vânia Dohme) – diversas atividades, desde jogos até colagem de figuras;
- g. Recortes de jornal;
- h. Visitas às páginas na WEB.

As atividades eram realizadas em variados ambientes: biblioteca, sala de aula, ao ar livre. O local da realização das atividades dependia dos acertos realizados antes da aula, junto à professora da turma.

Resultados e Análise

Buscando explicar de forma clara e objetiva, demonstrando os resultados alcançados e a importância do presente projeto, destaca-se a seguir, cada turma trabalhada neste ano. Salienta-se ainda, que foram executadas atividades de atendimento na biblioteca, para alunos, professores e demais membros da comunidade APAE, além da participação, de forma simplificada, na organização do acervo.

- a) Fundamental II – esta turma compreende três cadeirantes, com idade entre 11 e 14 anos. São educandos com paralisia cerebral. Foram trabalhadas músicas de cantigas, histórias curtas com gravuras grandes e coloridas (uso de fantoches). Buscaram-se histórias que envolvessem o educando no contexto. Poucas vezes foi possível observar algum estímulo durante a contação de histórias. No entanto, os poucos estímulos alcançados proporcionaram imensa satisfação, como as manifestações de maior contentamento ao comentar que teriam atividades na biblioteca.
- b) Apoio Pedagógico – esta turma compreende 12 educandos com idade entre 9 e 14 anos. Este grupo possui um comprometimento na realização de atividades. Por isso,

participam em horário contrário ao da sala de aula do apoio pedagógico, com o fim de oportunizar a elaboração de conhecimentos. Esta turma é muito inquieta, os alunos gostam de música, de brincar, mas são poucos os que sentam para escutar histórias. Normalmente os alunos escolhem as histórias e em conjunto (bolsista, professor e educando) viabilizamos ou não a contação da mesma. As escolhas variam entre clássicos, histórias sobre animais, cores e alfabeto. Ultimamente os alunos tem estado mais participativos no coletivo, brincam em conjunto, e gostam de pegar os fantoches para participar na encenação da história e, muitas vezes, demonstram querer recontá-las.

- c) ALO – esta turma é composta por 10 educandos com idade entre 33 e 73 anos. Todos os alunos apresentam deficiência mental. Esta turma é atenciosa, a aluna “X” lê as histórias para seus colegas, a maioria escutam e participam, outros resmungam. É muito importante para eles este espaço de leitura. Com esta turma foi possível trabalhar conceitos sobre lixo reciclável (materiais recicláveis, cores, poluição e higiene), além de utilizar um jogo desenvolvido pela turma da “Oficina I”. Normalmente a aluna “X” e a bolsista escolhem os temas. Com esta turma a professora solicitou trabalhar temas atuais, trazer notícias sobre saúde, turismo, novelas, reportagens usando revistas e jornais, e assim trabalhou-se, obtendo boa participação dos educandos.
- d) Oficina de Artesanato II – a turma é composta por oito educandos com idade entre 18 a 33 anos. Todos os alunos apresentam deficiência mental. É uma turma interativa, as histórias são curtas, caso contrário logo dispersam, e fica difícil voltar ao tema. Com esta turma foi possível trabalhar temas da sala de aula, pois a professora constantemente utilizava a biblioteca para planejar as atividades de aula. Trabalhou-se o conceito de lixo reciclável (mencionado anteriormente). Também se utilizou um jogo desenvolvido pela turma da “Oficina I”.
- e) Oficina I – esta turma é composta por 10 educandos. Todos apresentam deficiência mental e um deles possui paralisia cerebral. Com esses educandos foi possível acompanhar as atividades realizadas em sala de aula. A professora desta turma buscou a biblioteca como referência para seu plano de aula. Durante um mês foram trabalhados conceitos sobre lixo reciclável, desde recortes em jornal, colagem, leituras de livros, observação de fotos. Foi extremamente produtivo. No entanto,

devido à necessidade dos alunos, a cada encontro reviam-se os conceitos trabalhados anteriormente. Os educandos confeccionaram um jogo com quatro latas coloridas (amarelo-metal, vermelho-plástico, azul-papel, verde-vidro) e várias embalagens (de materiais recicláveis) de produtos, recortadas de revistas e coladas sobre papel-cartão. O objetivo do jogo era acertar em qual lixo a embalagem deveria ficar. Essas atividades foram de extrema valia, pois eles participaram bastante. Com tal atividade foi possível perceber a harmonia da coletividade. Por último, foi trabalhada a confecção de máscaras, que seriam utilizadas em um acampamento que esta turma viria a participar.

Percebeu-se neste período e, em particular com esta última turma, a importância da biblioteca nas APAE's. O envolvimento com os educandos, professores e demais membros da comunidade no desenvolvimento de cada atividade, em cada turma, cada uma com o seu grau de desenvolvimento e/ou resposta, mas todas, sem exceção, ansiosas pelo novo, pelo construir, pelo participar.

É necessário destacar também que a biblioteca escolar no Brasil tem passado por oscilações desde a criação do curso de Biblioteconomia, regulamentado em 30 de junho 1962, pela Lei Nº 4.084. Segundo França (2003), a importância da biblioteca escolar a partir das diretrizes estabelecidas pela Lei nº 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), de 20 de dezembro de 1996, das Diretrizes Curriculares da Educação Básica e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no que diz respeito aos mecanismos que a escola, em seu cotidiano, deve criar para que os estudantes da educação básica desencadeiem práticas de leitura e escrita.

Esta citação reforça a importância deste projeto para os educandos do Instituto de Educação Especial “Professor Manoel Boaventura Feijó”, mantido pela APAE/Florianópolis, que, por possuírem necessidades especiais, precisam de atendimentos específicos, planejados e elaborados atentamente direcionados a cada turma, as quais podem ser exploradas através da leitura.

Assim, afirma Silva (2002, p. 154), que “verifica-se que a leitura para alunos portadores de deficiência com necessidades especiais favorece aos alunos um maior desenvolvimento crítico e intelecto, bem como estimula o seu imaginário, permitindo que algumas barreiras e conceitos sobre a pessoas portadora de deficiência com

necessidades especiais sejam quebradas”.

Deste modo, esta atividade representa aos acadêmicos do curso de Biblioteconomia, a abertura de um campo de trabalho ainda não explorado pelos bibliotecários e, também, esquecida pela sociedade, a biblioteca escolar e, de modo especial, a biblioteca escolar direcionada aos portadores de necessidades especiais. O descaso com a educação acompanha este processo intensificando os problemas de acesso a cultura no Brasil, e a inserção dos portadores de necessidades especiais.

Silva (apud SILVA, 1995, p. 49), esclarece o histórico da leitura no Brasil, quando afirma que

qualquer retrospectiva histórica voltada a análise da presença da leitura em nossa sociedade, vai sempre redundar em aspectos de privilégio de classe e, portanto, em injustiça social. Quero dizer com isto que o acesso à leitura e aos livros nunca conseguiu ser democratizado em nosso meio. A tão propalada 'crise da leitura' não é uma doença destas últimas décadas e nem deste século: ela vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro.

A democratização da leitura não tem sido prioridade no Brasil, nem em si a educação, quem dirá as escolas das APAE's, espalhadas por todo este Brasil. A polêmica de que estas escolas especiais são pouco vistas como uma escola “normal”. Esta luta em construir uma escola que atenda as necessidades dos seus educandos e que seja reconhecida como tal, tem sido uma meta do Instituto de Educação Especial “Professor Manoel Boaventura Feijó”, da APAE de Florianópolis.

A validade deste projeto leva a outras problemáticas sobre a unidade escolar, a aceitação dos profissionais bibliotecários, em suas funções de educador. Com a inexistência de bibliotecas escolares atuantes e, por sua vez, profissionais atuantes, a interação e a participação deste profissional na constituição do Projeto Político-pedagógico Escolar tem sido nula de modo geral em todos os lugares. Mas, com a execução do projeto e o dia-a-dia na instituição, tem levado os alunos de biblioteconomia a descobrirem novos campos e à comunidade escolar descobrir o potencial dos bibliotecários e, também, o quanto são capazes de dinamizar e incutir o hábito de ler, de se instruir, de progredir.

Esta realidade foi constatada durante a realização das atividades na APAE, de Florianópolis. Para chegar a um consenso, sobre a participação da bolsista nas reuniões de planejamento mensal foi necessário realizar uma reunião com a Direção Técnica, do

Instituto, com o fim de esclarecer dúvidas quanto ao Projeto Político Pedagógico do Instituto de Educação Especial “Professor Manoel Boaventura Feijó”. Após isto, foi possível agendar e participar de duas reuniões. A primeira com a turma ALO e a segunda com a turma Oficina de Artesanato II.

A participação nas reuniões ampliou conhecimentos sobre os educandos. A troca de informações dos profissionais que trabalham com determinada turma, permite criar expectativas na melhoria dos serviços de leitura.

Considerações Finais

Através de leituras sobre a temática biblioteca escolar e educação especial fica fácil compreender o caos que se encontra a educação no Brasil. Realidade encontrada não só nas bibliotecas escolares e/ou especiais, mas na maioria das escolas públicas onde as bibliotecas são abandonadas, é um espaço reluzente ao mofo e ao descaso.

Profissionais mobilizados em busca de um “novo” perfil bibliotecário para atuar nas bibliotecas escolares e (re)conquistar seu espaço, tem sido constante nestes últimos tempos e, sem dúvida nenhuma, parte destes esforços está na execução de projetos de extensão realizados em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, através do Departamento de Ciência da Informação (CIN) e do Departamento de Apoio à Extensão (DAEx), da UFSC, que buscam despertar aos usuários, a comunidade e especial aos alunos, a importância de restaurar as bibliotecas escolares e, assim, o prazer da leitura aos educandos.

Outras ações, como os Fóruns de Bibliotecas Escolares (organizado pelo Grupo de Bibliotecários Escolares GBAE/SC), já em sua terceira edição (realizados anualmente em Florianópolis/SC), vem despertando em acadêmicos e profissionais ligados a esta temática uma valorização da leitura para o público infantil.

O Instituto de Educação Especial “Professor Manoel Boaventura Feijó” não foge a regra, o fato de não possuir um profissional bibliotecário efetivo dificulta as atividades a serem realizadas, mas não as inviabilizam, pois, acreditando na parceria, tem procurado sempre o CIN e este, ao DAEx e, juntos tem proporcionado ações positivas.

No entanto, é imprescindível que o desenvolvimento da atividade de leitura, nos moldes deste projeto, continuem e se propaguem, permitindo manter os resultados

já alcançados e outros, que permitiram a adoção a níveis municipais, estaduais e quem sabe federais, da reativação das bibliotecas escolares.

Resultados estes, que são: professores freqüentam a biblioteca e solicitam material para elaboração das suas propostas; demais funcionários (professores, estagiários, direção e até os de serviços gerais, não deixando de citar os pais) que passam a inseri-la no seu cotidiano e, em especial, os alunos não esquecem o horário de atendimento, o de ir à biblioteca, o de construir, o de ler.

Apesar do pouco tempo e do muito que se tem a fazer em bibliotecas escolares e especiais, foi possível constatar que é necessária a participação do bolsista no processo de construção do planejamento mensal das aulas, pois é extremamente importante conhecer seus usuários, suas necessidades e especificidades, não basta aplicar uma leitura sem pesquisar a temática fluente que possa satisfazer o mesmo. É primordial um tempo mais vasto para planejar as leituras e a interação com os usuários a fim de intensificar os benefícios aos educandos.

Referências

CALDIN, Clarice Fortkamp; ORTIGA, Odilia Carreirão. **A poética da voz e da letra na literatura infantil** (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). Florianópolis, 2001. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANÇA, Viviane Fernandes. **Uma Biblioteca Escolar Diferente: Um Espaço de Informação e Cultura que não se esquece**. Disponível em: http://www.cfb.org.br/html/saladeleitura_06.asp . Acesso em: 08 dez. 2003.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: relato de experiência. **Revista ACB**, v. 5, n.5, p. 90-103, 2000.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o Ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 303p.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontanella; VEIGA, Ilma Passo Alencastro. **Projeto político-**

pedagógico da escola: uma construção possível. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2002. 192p

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca:** a criança, o adulto e o lúdico. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca:** o lúdico em diferentes contextos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 141p.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 75p.

SILVA, Maria Emília da; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Leitura para portadores de deficiência com necessidades especiais: relato de uma experiência. **Revista ACB,** Florianópolis, v. 7, n. 1/2, 2002. p. 148-156.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 1995. 118p.

WISE, Liz; GLASS, Chris. **Trabalhando com Hannah:** uma criança especial em uma escola comum. Porto Alegre: ARTMED, 2003. 136p.